SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

KILDERE DIOGO DIAS DE SOUSA

PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: o brinquedo de miriti como recurso pedagógico no município de Abaetetuba.

ANANINDEUA
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S725p Sousa, Kildere Diogo Dias de.
PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA : o brinquedo de miriti como recurso pedagógico no município de Abaetetuba. / Kildere Diogo Dias de Sousa. — 2026.
37 f.

Orientador(a): Profª. Dra. Anna Maria Alves Linhares
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Curso de História, Ananindeua, 2026.

1. ensino de história. 2. brinquedo de miriti. 3. cultura. 4. Abaetetuba. 5. artesanato. I. Título.

CDD 370

KILDERE DIOGO DIAS DE SOUSA

PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: o brinquedo de miriti como recurso pedagógico no município de Abaetetuba.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador(a): Prof.ª Dr. Anna Maria Alves Linhares

ANANINDEUA
2026

KILDERE DIOGO DIAS DE SOUSA

PATRIMÔNIO CULTURAL E ENSINO DE HISTÓRIA: o brinquedo de miriti como recurso pedagógico no município de Abaetetuba.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, do Campus Universitário de Ananindeua, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Data da aprovação: 03/11/2026

Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA

Dra. Anna Maria Alves Linhares (orientadora)
Universidade Federal do Pará

Mestre Michel Pinho Silva
Universidade da Amazônia

Izabela Rosa Nascimento
Universidade Federal do Pará

Dedico este trabalho à minha família, às pessoas que fizeram parte de seu processo de elaboração e que contribuíram não apenas para a construção de um produto acadêmico, mas também para o desenvolvimento de ideias, a persistência e o incentivo à continuidade, mesmo nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, que me ouviu em todos os momentos de oração e me permitiu chegar até aqui.

Agradeço imensamente à minha família, especialmente aos meus pais, Renildo Macedo e Josineide Dias, à minha irmã, Karina Dias, e à minha namorada, Rosângela Torres, que contribuíram de forma significativa para minha trajetória acadêmica. Agradeço por me ouvirem, me apoiarem e me incentivarem incondicionalmente em todos os momentos da minha formação. Sem eles, não teria chegado até aqui.

Gostaria de agradecer também à minha orientadora, Prof.ª Anna Maria Alves Linhares, pela paciência e tranquilidade com que conduziu o processo de elaboração deste trabalho, bem como pelo apoio e pelas orientações fundamentais para a construção desta pesquisa.

Destaco, ainda, meus agradecimentos aos amigos que estiveram presentes ao longo desta trajetória acadêmica, sendo eles, Antoniel, Flávia, Lorena, Maria e Arley, entre outros que contribuíram significativamente oferecendo apoio, conselhos e aprendizados, além de uma parceria que ultrapassou os limites do espaço acadêmico e se tornou parte significativa da minha vida pessoal.

Agradeço à Universidade Federal do Pará, ao Campus Universitário de Ananindeua, aos professores, coordenadores e à equipe técnica, cuja atuação é fundamental para a construção de uma comunidade acadêmica que transforma o espaço universitário em uma oportunidade de formação de novos profissionais. Agradeço também por ser um ambiente que acolhe pessoas de diferentes raças, crenças e etnias, proporcionando, por meio do ensino público, a formação de cidadãos comprometidos com a sociedade.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para que este momento se tornasse realidade e para que o sonho de ser professor pudesse se concretizar. Reconheço a importância da educação e de seu potencial transformador, bem como tudo o que essa trajetória representa para minha formação pessoal e profissional. A todos que tornaram esta conquista possível, minha sincera gratidão.

“O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado.”

Roque de Barros Laraia (2001, p. 45)

RESUMO

Esta pesquisa tem como finalidade discutir a utilização dos brinquedos de miriti como recurso para o ensino de História, tendo como recorte o município de Abaetetuba, localizado na região do Baixo Tocantins (PA) e conhecido como "Capital Mundial do Brinquedo de Miriti". Característica do artesanato amazônico, essa manifestação cultural é marcada por uma tradição artesanal transmitida entre gerações, evidenciada pelo trabalho de mestres artesãos, como Mestre Riva, cuja entrevista de caráter etnográfico contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse contexto, busca-se abordar a história de Abaetetuba a partir de uma perspectiva cultural vinculada à produção artesanal, considerando o processo de transformação do miritizeiro, por meio do trabalho humano, em matéria-prima para a confecção dos brinquedos de miriti. Embora esses brinquedos estejam amplamente presentes em contextos comerciais e em algumas práticas pedagógicas da região, ainda são pouco explorados como recurso para o ensino de História. Diante disso, a pesquisa discute a relação entre cultura, patrimônio e ensino, destacando as possibilidades de utilização do brinquedo de miriti para a valorização do patrimônio cultural local e para a compreensão dos processos históricos relacionados à constituição dessa tradição. Nesse sentido, sua utilização no ambiente escolar pode contribuir para aproximar os estudantes dos saberes, das identidades e dos significados culturais presentes em seu território, fortalecendo a cultura histórica e a valorização da história local.

Palavras-chave: ensino de história, brinquedo de miriti, cultura, Abaetetuba, artesanato.

ABSTRACT

This research aims to discuss the use of *miriti* toys as a resource for teaching History, focusing on the municipality of Abaetetuba, located in the Lower Tocantins region of Pará, Brazil, and known as the "World Capital of the Miriti Toy." As a characteristic expression of Amazonian handicrafts, this cultural manifestation is marked by an artisanal tradition transmitted across generations, as evidenced by the work of master artisans such as Mestre Riva, whose ethnographic interview contributed to the development of this research. In this context, the study seeks to approach the history of Abaetetuba from a cultural perspective connected to artisanal production, considering the process through which the *miriti* palm is transformed, through human labor, into raw material for the production of *miriti* toys. Although these toys are widely present in commercial contexts and in some educational practices in the region, they are still little explored as a resource for teaching History. Therefore, this research discusses the relationship between culture, heritage, and education, highlighting the possibilities of using the *miriti* toy to promote the appreciation of local cultural heritage and to foster an understanding of the historical processes related to the development of this tradition. In this sense, its use in the school environment may contribute to bringing students closer to the knowledge, identities, and cultural meanings present in their territory, strengthening historical culture and promoting the appreciation of local history.

Keywords: History Teaching; Miriti Toy; Culture; Abaetetuba; Handicrafts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tipo de ilustração 1 – **Figura 1: Roda gigante**
pág. 13
Tipo de ilustração 2 – **Figura 2: Barco de miriti**
pág. 15
Tipo de ilustração 3 – **Figura 3: Representação do Círio de Nazaré por meio do brinquedo de miriti**
pág. 16
Tipo de ilustração 4 – **Figura 4: Registro pessoal com o artesão abaetetubense Marinaldo Pereira**
pág. 17
Tipo de ilustração 5 – **Figura 5: Mestre Riva em seu ateliê**
pág. 18
Tipo de ilustração 6 – **Figura 6: Palmeira de miriti (*Mauritia flexuosa*)**
pág. 19
Tipo de ilustração 7 – **Figura 7: Secagem da bucha do miriti**
pág. 21
Tipo de ilustração 8 – **Figura 8: Pássaros e paneiros**
pág. 23
Tipo de ilustração 9 – **Figura 9: Artesanato amazônico**
pág. 25
Tipo de ilustração 10 – **Figura 10: Variadas representações de cobras e pássaros**
pág. 25
Tipo de ilustração 11 – **Figura 11: Onça pintada, canoa e o fruto miriti, advindo do miritizeiro**
pág. 27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2. O BRINQUEDO DE MIRITI EM ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E HISTÓRICA 17

3. O BRINQUEDO DE MIRITI E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA 24

4. CONCLUSÃO 31

REFERÊNCIAS 34

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a proposta do brinquedo de miriti abaetetubense como recurso de ensino pedagógico no qual exige considerar os processos históricos que contribuíram para a formação de sua identidade. Essa trajetória foi marcada por diferentes atividades econômicas e culturais. Durante o período colonial, o município destacou-se pela produção de aguardente de cana-de-açúcar, o que lhe conferiu a denominação de "Terra da Cachaça" (Santos; Coelho-Ferreira, 2011, p. 561). Paralelamente, desenvolveu-se um expressivo artesanato produzido com talas de palmeiras, utilizado na confecção de paneiros e outros utensílios destinados ao transporte e à comercialização de mercadorias em diferentes municípios paraenses (Santos; Coelho-Ferreira, 2011, p. 564). Ao longo do tempo, esses conhecimentos foram ampliados e ressignificados, contribuindo para o desenvolvimento da produção dos brinquedos de miriti, que se consolidaram como uma das principais expressões culturais de Abaetetuba. Nesse processo, o município passou a ser associado à produção dos brinquedos de miriti, recebendo denominações como "Terra dos Brinquedos de Miriti" e, posteriormente, "Capital Mundial do Brinquedo de Miriti" (Santos; Coelho-Ferreira, 2011).

O brinquedo de miriti constitui uma das mais representativas manifestações da cultura amazônica, tendo no município de Abaetetuba[1], localizado no nordeste do estado do Pará e pertencente à região do Baixo Tocantins[2], seu principal centro de produção artesanal. Reconhecida nacionalmente como a "Capital Mundial do Brinquedo de Miriti", a cidade preserva uma tradição secular desenvolvida pelos artesãos que utilizam o *miritizeiro*[3] para a construção artesanal de formas, cujos conhecimentos e técnicas são transmitidos entre gerações e consolidam-se no artesanato como um importante patrimônio cultural e elemento da identidade regional (Das Chagas, 2021, p. 2). A escolha de Abaetetuba como espaço desta pesquisa também está relacionada à trajetória pessoal do pesquisador, natural do município e conhecedor de sua realidade cultural. Crescer e vivenciar um território marcado pela presença do brinquedo de miriti despertou o interesse em compreender essa manifestação para além de seu caráter artesanal e comercial, reconhecendo-a como patrimônio cultural e como uma possibilidade de aproximação entre a história local e o ensino de História nas escolas do município.

[1] Em tupi-guarani, significa "terra de homens fortes e valentes" (Carvalho, 2022).
[2] O Baixo Tocantins é uma região do estado do Pará marcada pela presença de comunidades ribeirinhas e por atividades como a agricultura, o extrativismo e a pesca. Entre os municípios que integram essa região estão Abaetetuba, Barcarena, Cametá e Igarapé-Miri (Piraux; Soares; Simões, 2017).
[3] Também conhecido como buriti, o miriti é o fruto da palmeira da região amazônica conhecida como miritizeiro, da espécie *Mauritia flexuosa* (Hiraoka, 1999).

Dessa forma, mais do que um objeto lúdico, o brinquedo de miriti expressa saberes, memórias e práticas sociais construídos historicamente, constituindo-se como uma importante manifestação da cultura amazônica. Nesse sentido, questiona-se: de que maneira esse patrimônio pode contribuir para a valorização da cultura histórica, da memória coletiva e da identidade cultural dos estudantes? Parte-se do pressuposto de que a aproximação entre patrimônio cultural e ensino de História pode favorecer aprendizagens contextualizadas, articulando os conhecimentos escolares às experiências e referências culturais presentes no território dos estudantes.

Os brinquedos de miriti constituem um patrimônio cultural imaterial do estado do Pará, assim, em 2010, o Governo do Estado do Pará sancionou a Lei nº 7.433, que declarou o Brinquedo de Miriti integrante do Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará (Pará, 2010). Nesse contexto, o presente trabalho analisa como a cultura do município de Abaetetuba se encontra difundida e reconhecida no âmbito regional, bem como investiga de que maneira o brinquedo de miriti está inserido nos espaços escolares enquanto patrimônio cultural imaterial e elemento representativo da identidade cultural paraense.

Figura 1: Roda gigante



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

A imagem apresenta uma roda-gigante confeccionada em miriti por artesãos de Abaetetuba. Mais do que um objeto decorativo ou recreativo, a peça constitui uma manifestação cultural que materializa conhecimentos, técnicas e saberes tradicionais transmitidos entre gerações. A utilização da matéria-prima extraída do miritizeiro e sua transformação em uma representação presente no imaginário infantil evidenciam a capacidade dos artesãos de atribuir novos sentidos aos elementos da natureza, articulando práticas, experiências e referências compartilhadas pela comunidade. Nesse sentido, a roda-gigante expressa não apenas a

criatividade e o domínio técnico dos artesãos, mas também processos de continuidade, transformação e ressignificação de práticas culturais que participam da construção da identidade e da memória local. Essa compreensão permite perceber o brinquedo de miriti como uma expressão da própria dinâmica da cultura, constituída e reelaborada a partir das práticas e dos significados produzidos socialmente.

Essa compreensão permite perceber o brinquedo de miriti como uma expressão da própria dinâmica da cultura. Na *obra Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia, o autor oferece reflexões acerca das concepções de cultura ao compreender que ela resulta de um processo de construção e interpretação das práticas sociais, e, dessa forma, a manipulação da matéria-prima e as formas de expressão artística associadas ao miriti evidenciam processos de invenção, transformação e continuidade cultural, demonstrando o caráter dinâmico da cultura (Laraia, 2001, p. 45).

Ou seja, a roda-gigante de miriti apresentada na imagem exemplifica essa concepção ao evidenciar que o brinquedo não é apenas um artefato produzido para fins decorativos ou lúdicos, mas um produto cultural que expressa conhecimentos acumulados, valores compartilhados e modos de vida construídos historicamente. Ao relacionar essa perspectiva ao brinquedo de miriti, percebe-se que esse patrimônio cultural revela a capacidade humana de criar, adaptar e ressignificar elementos culturais ao longo do tempo.

A partir dessa análise, torna-se possível compreender a cultura material como um importante campo de investigação histórica, uma vez que se refere ao conjunto de objetos produzidos por uma sociedade e aos significados sociais, culturais e simbólicos que lhes são atribuídos ao longo do tempo. Conforme destaca Linhares (2007), os artefatos não podem ser compreendidos apenas por sua materialidade ou funcionalidade, pois constituem bens culturais que expressam modos de vida, memórias, identidades e relações sociais construídas historicamente. Em sua pesquisa sobre a produção cerâmica em Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó, a autora demonstra que os objetos artesanais ultrapassam sua dimensão utilitária, tornando-se suportes da memória coletiva e da identidade cultural das comunidades que os produzem (Linhares, 2007).

Em Abaetetuba, o brinquedo destaca-se como expressão da cultura material local, reunindo aspectos históricos, artísticos e identitários da região. O brinquedo de miriti pode ser compreendido como objeto da cultura material amazônica, pois materializa conhecimentos tradicionais, técnicas artesanais e práticas culturais transmitidas entre gerações, constituindo-se também como patrimônio e fonte para a interpretação histórica. Suas

características técnicas e simbólicas permitem compreender os sentidos atribuídos aos artefatos em diferentes contextos sociais e temporais (Rede, 2012, p. 135).

Nesse contexto, a representação seguinte apresenta um barco confeccionado em miriti, peça que simboliza a estreita relação entre a população abaetetubense e os rios amazônicos. Mais do que representar uma embarcação, o brinquedo remete ao cotidiano das comunidades ribeirinhas, para as quais o rio constitui um espaço de circulação, trabalho, lazer e sociabilidade. A escolha dessa representação demonstra que os brinquedos de miriti não reproduzem formas aleatórias; ao contrário, materializam aspectos da história e da cultura regional, transformando elementos característicos da vida amazônica em objetos que preservam memórias, saberes e identidades coletivas. O barco, portanto, evidencia a importância da valorização dos artesãos, responsáveis pela preservação e transmissão de técnicas e saberes tradicionais que fazem do artesanato uma expressão da história, da cultura e da identidade das populações locais.

Figura 2: Barco de miriti



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

Essa dimensão simbólica contribuiu para que os brinquedos de miriti ultrapassassem os limites do município e alcançassem reconhecimento em diferentes contextos culturais, especialmente durante o Círio de Nazaré[4], uma das mais significativas manifestações religiosas do Brasil, cuja dimensão ultrapassa as fronteiras nacionais. Nesse período, milhares de brinquedos confeccionados pelos artesãos de Abaetetuba são comercializados e passam a integrar a experiência cultural da festividade, representando embarcações, animais, casas,

[4] O Círio de Nazaré é uma tradicional manifestação religiosa e cultural realizada em Belém (PA), marcada pela forte participação popular e pela presença de elementos que expressam a identidade cultural amazônica. Durante a festividade, o brinquedo de miriti, produzido principalmente por artesãos de Abaetetuba, integra esse universo cultural, representando aspectos do cotidiano, da paisagem e dos saberes da região (Pantoja; Maués, 2008).

personagens e outros elementos característicos da Amazônia. Além de contribuírem para a movimentação econômica dos artesãos, esses brinquedos estabelecem uma relação entre a produção artesanal e a dimensão simbólica do Círio, aproximando os saberes e as representações culturais de Abaetetuba dos milhares de visitantes e devotos que participam da festividade. Dessa maneira, o brinquedo de miriti ultrapassa sua função de objeto artesanal e passa a atuar como elemento de expressão, memória e divulgação da cultura amazônica.

Figura 3: Representação do Círio de Nazaré por meio do brinquedo de miriti



AGÊNCIA PARÁ. Brinquedos de miriti, 2017.

A imagem acima apresenta brinquedos de miriti expostos durante o Círio de Nazaré, evidenciando a presença do artesanato abaetetubense em uma celebração de significativa importância cultural para a região amazônica. Para além de sua dimensão lúdica e comercial, esses brinquedos integram um conjunto de práticas e manifestações que contribuem para a expressão de identidades culturais compartilhadas. Nesse contexto, o Círio de Nazaré constitui um espaço de expressão e reafirmação de uma identidade regional amazônica, articulando diferentes práticas, símbolos e manifestações culturais que participam da construção da memória e do sentimento de pertencimento na região (Pantoja; Maués, 2008).

Para compreender essas dimensões e analisar as possibilidades de utilização do brinquedo de miriti no ensino de História, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, articulando pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Foram consultadas obras sobre cultura, patrimônio, identidade e ensino de História, além de documentos relacionados ao reconhecimento do brinquedo de miriti como patrimônio cultural. A pesquisa de campo, realizada em Abaetetuba (PA), incluiu visitas a ateliês e espaços de produção artesanal, registros fotográficos e entrevista semiestruturada, de caráter etnográfico, realizada com o mestre artesão

Riva, registrada em áudio e posteriormente transcrita para a consolidação das informações, realizada em 23 de maio de 2026. Também foi realizada, em 30 de maio de 2026, entrevista com a Prof.ª Ma. Dayane Rodrigues – professora de História do município de Abaetetuba, amplamente reconhecida no município pela sua abordagem didática em sala de aula – a qual auxilia os discentes na busca da compreensão das possibilidades de articulação entre o brinquedo de miriti e o ensino de História. Ambas as entrevistas foram realizadas com a autorização dos entrevistados e registradas em formato de áudio. O registro a seguir destaca o momento de conversa com o artesão Marinaldo Pereira, facilitador do processo do encontro com o artesão Mestre Riva, o qual contribuiu significativamente para construção desse trabalho.

Figura 4: Registro pessoal com o artesão abaetetubense Marinaldo Pereira



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

Nesse contexto, o município de Abaetetuba se destaca pela produção do brinquedo de miriti, uma expressão cultural profundamente ligada à história, aos saberes tradicionais e à identidade local. Assim, para compreender as possibilidades de utilização desse patrimônio no ensino de História, é fundamental conhecer sua trajetória e sua importância cultural no município.

2. O BRINQUEDO DE MIRITI EM ABAETETUBA: UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E HISTÓRICA

A compreensão do brinquedo de miriti em Abaetetuba parte de uma perspectiva etnográfica, voltada à observação dos saberes e práticas envolvidos em sua produção e

transmissão. Nesse sentido, a pesquisa buscou aproximar-se das experiências dos artesãos e das formas pelas quais esses conhecimentos são construídos e compartilhados. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica, observação em campo e entrevista semiestruturada com o mestre artesão Riva, conhecido popularmente como Mestre Riva, referência na produção de brinquedos de miriti no município. A articulação desses procedimentos possibilitou compreender a prática artesanal a partir das experiências dos próprios sujeitos que a vivenciam.

Figura 5: Mestre Riva em seu ateliê



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

A imagem mostrada anteriormente registra o momento em que Mestre Riva confecciona artesanalmente um brinquedo de miriti em seu ateliê, revelando gestos, técnicas e conhecimentos adquiridos em sua trajetória como artesão. A fotografia constitui uma fonte de pesquisa que, articulada ao relato do entrevistado, permite compreender como o saber-fazer[5] é construído, preservado e transmitido entre gerações, evidenciando o caráter histórico e etnográfico dessa manifestação cultural. Assim, a entrevista e os registros fotográficos possibilitam analisar o brinquedo de miriti não apenas como um objeto artesanal, mas como uma expressão das relações sociais, da memória e da identidade cultural que caracterizam o município de Abaetetuba.

A análise evidencia que o processo de produção do brinquedo de miriti está profundamente enraizado em saberes tradicionais de origem indígena e ribeirinha - como citado inicialmente pelo Mestre Riva - construídos historicamente na relação das populações amazônicas com o meio ambiente e preservados por meio da transmissão oral e da

[5] Entende-se por *saber-fazer* o conjunto de conhecimentos, técnicas e práticas transmitidos entre gerações e continuamente recriados pelas comunidades em seus contextos sociais e culturais. (Vianna, 2016).

aprendizagem prática entre gerações. A matéria-prima utilizada na confecção dos brinquedos é proveniente do miritizeiro (*Mauritia flexuosa*), palmeira típica das áreas de várzea e igapó[6] da Amazônia, amplamente encontrada na região do Baixo Tocantins e reconhecida por sua importância ecológica, econômica e cultural para as comunidades locais. Conforme relatado por Mestre Riva, esses conhecimentos são compartilhados no cotidiano familiar, em que crianças e jovens acompanham pais, avós e outros artesãos durante as diferentes etapas da produção, aprendendo pela observação, pela participação nas atividades e pela experiência acumulada ao longo do tempo. Esse processo de aprendizagem tem início ainda na infância, quando os mais jovens passam a conhecer o manejo do miritizeiro, a seleção da matéria-prima e as técnicas de confecção dos brinquedos, assegurando a continuidade desse patrimônio cultural.

Dessa forma, o saber-fazer ultrapassa a dimensão técnica, constituindo-se como uma herança cultural que fortalece a identidade das comunidades envolvidas com essa prática artesanal e evidencia a estreita relação entre a preservação dos conhecimentos tradicionais e o uso sustentável dos recursos naturais oferecidos pela *Mauritia flexuosa*, a matéria-prima que possibilita essa produção artesanal é apresentada na figura a seguir.

Figura 6: Palmeira de miriti (*Mauritia flexuosa*)



ANINHA PELO BRASIL (2020).

[6] Várzea e igapó são ecossistemas amazônicos inundáveis. A várzea possui solos mais férteis devido aos sedimentos dos rios de águas brancas, enquanto o igapó apresenta solos menos férteis e vegetação adaptada ao alagamento (Sioli, 1985).

Para além disso, segundo o relato de Mestre Riva, a cadeia produtiva inicia-se ainda nas ilhas de Abaetetuba, onde ribeirinhos realizam o manejo do miritizeiro a partir de conhecimentos tradicionais relacionados aos ciclos da natureza. Entre essas práticas, destaca-se a preferência pela coleta da matéria-prima durante a lua crescente, período considerado mais adequado para garantir a qualidade e a durabilidade da bucha utilizada na confecção dos brinquedos. As etapas desse processo evidenciam o manejo do miritizeiro realizado pelos trabalhadores ribeirinhos, uma informação que se relaciona à ideia destacada por Laraia (2001, p. 46), "não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes [...], mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária". Essa reflexão permite compreender a criatividade desenvolvida pelos artesãos de Abaetetuba, que, a partir dos recursos oferecidos pelo miritizeiro (*Mauritia flexuosa L. f.*), transformam a matéria-prima em artefatos que expressam a história, a memória e a identidade cultural amazônica. Nessa perspectiva, o brinquedo de miriti ultrapassa sua dimensão material e lúdica, constituindo-se como resultado de conhecimentos tradicionais construídos historicamente e transmitidos entre gerações no contexto das comunidades ribeirinhas. O que retrata que a obtenção da matéria-prima depende não apenas do domínio de técnicas específicas, mas também de conhecimentos empíricos[7] construídos historicamente na interação entre as comunidades locais e o ambiente amazônico. Essas informações foram obtidas durante a entrevista realizada com Mestre Riva, constituindo importante fonte oral para a compreensão dos significados culturais atribuídos ao brinquedo de miriti.

A produção do brinquedo de miriti constitui uma cadeia de saberes e práticas que tem início muito antes da confecção artesanal propriamente, na qual os trabalhadores ribeirinhos realizam a extração da bucha do miritizeiro (retratado na imagem posterior) utilizando conhecimentos tradicionais transmitidos desde a infância, logo, é da bucha extraída dos pecíolos[8] do miritizeiro que se inicia uma das principais etapas da produção dos brinquedos de miriti a partir do processo de secagem.

[7] O empirismo, associado ao pensamento de John Locke, compreende que o conhecimento é construído a partir das experiências e percepções do indivíduo, valorizando o contato com a realidade como parte fundamental do processo de aprendizagem (Locke, 2012).

[8] O pecíolo corresponde à estrutura que liga a folha ao caule do miritizeiro (*Mauritia flexuosa* L. f.). Na produção dos brinquedos de miriti, a parte interna e esponjosa do pecíolo, conhecida localmente como "bucha", constitui a principal matéria-prima utilizada pelos artesãos (Santos; Coelho-Ferreira, 2011).

Figura 7: Secagem da bucha do miriti



CASA E JARDIM – UM SÓ PLANETA (2025).

Após a extração e secagem, a matéria-prima é transportada para os ateliês e fábricas de artesanato, onde passa por procedimentos de nova secagem, seleção e preparação, tornando-se adequada para a confecção dos brinquedos. Somente então os artesãos iniciam o trabalho de modelagem, pintura e acabamento, transformando o miriti em representações da fauna, da flora, das embarcações e de outros elementos característicos da cultura amazônica. A produção do brinquedo de miriti não se restringe ao fazer artesanal, mas envolve uma rede de conhecimentos tradicionais, relações de trabalho e práticas culturais construídas historicamente pelas comunidades ribeirinhas de Abaetetuba. Conforme destacado pelo entrevistado, trata-se de um saber-fazer que se mantém vivo pela transmissão intergeracional, preservando técnicas, valores e formas de relação com a natureza.

Entretanto, a entrevista realizada com Mestre Riva demonstra que a continuidade dessa tradição artesanal enfrenta desafios decorrentes das transformações econômicas e ambientais observadas na região. Ao refletir sobre o futuro do artesanato de miriti, o entrevistado afirmou que “um dos principais ‘adversários’ nossos hoje é o açaí” (Mestre Riva, entrevista concedida ao autor, 2026). A fala refere-se à expansão da cadeia produtiva do açaí em áreas anteriormente ocupadas pelo miritizeiro, situação que, segundo o artesão, tem reduzido a disponibilidade da matéria-prima utilizada na confecção dos brinquedos.

Esse processo também pode ser compreendido no contexto da crescente valorização comercial e da expansão do consumo do açaí para além da Amazônia. Em diferentes regiões do país, especialmente no Sul e Sudeste, o fruto passou por processos de adaptação aos hábitos de consumo locais, associados a novas formas de preparo e consumo, fenômeno relacionado à chamada “gourmetização” do açaí (Sales, 2019, p. 33). Essa valorização contribui para o aumento da demanda e do valor econômico do produto, intensificando a expansão de sua cadeia produtiva. Embora reconheça a importância econômica do açaí para as comunidades locais,

Mestre Riva ressalta que essa transformação compromete a continuidade da produção artesanal, evidenciando que a preservação do brinquedo de miriti depende tanto do reconhecimento de seu valor cultural quanto da conservação dos ambientes naturais onde o miritizeiro se desenvolve.

Outro aspecto destacado durante a entrevista refere-se ao reconhecimento social dos artesãos. Ao abordar essa questão, Mestre Riva afirmou que “o artesão autor sempre é mais esquecido” (Mestre Riva, entrevista concedida ao autor, 2026), evidenciando que os sujeitos responsáveis pela criação e transmissão dos saberes tradicionais nem sempre recebem o devido reconhecimento. Sobre as dificuldades enfrentadas pelo setor, acrescentou que “o problema não é vender o brinquedo, mas a divulgação e o apoio de fomento para essa cultura” (Mestre Riva, entrevista concedida ao autor, 2026). As falas apontam para a necessidade de maior valorização dos artesãos e de apoio à produção do brinquedo de miriti. Dessa forma, a continuidade dessa tradição depende tanto da transmissão dos saberes entre gerações quanto de condições que favoreçam seu reconhecimento e valorização.

Essa necessidade de apoio também se relaciona às políticas públicas. Embora reconheça a importância do patrimônio cultural, Mestre Riva considera insuficientes as ações voltadas ao fortalecimento da atividade, afirmando que “ela não nos fomenta de fato” (Mestre Riva, entrevista concedida ao autor, 2026). A fala evidencia a necessidade de maior incentivo institucional à valorização dos artesãos e à divulgação do artesanato. Nesse sentido, a educação pode constituir uma importante estratégia de valorização da cultura local, aproximando o patrimônio das práticas escolares e da realidade do município.

Além do reconhecimento institucional, a produção dos brinquedos de miriti também possui uma importante dimensão econômica, especialmente durante o Círio de Nazaré. Nesse período, as peças integram a cultura material da festividade e são comercializadas como símbolos da tradição paraense. Essa circulação amplia a visibilidade do artesanato de Abaetetuba, fortalece sua presença em diferentes espaços culturais e contribui para o reconhecimento regional e nacional da manifestação, evidenciando sua importância para a economia criativa e para a identidade cultural amazônica. Esse processo de valorização foi fortalecido com a criação do MiritiFest, realizada em 2004, por iniciativa da Associação Comercial e Empresarial de Abaetetuba (ACA), da Associação dos Artesãos de Brinquedos e Artesanatos de Miriti de Abaetetuba (ASAMAB) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). O festival surgiu com o objetivo de incentivar a economia local, valorizar o brinquedo de miriti e promover o município de Abaetetuba por meio de sua

produção artesanal (MiritiFest, 2026). Realizado anualmente na Praça Francisco de Azevedo Monteiro[9], popularmente conhecida como Praça da Bandeira, o evento reúne artesãos, expositores, artistas e visitantes, consolidando-se como um importante espaço de comercialização, difusão cultural e fortalecimento da identidade abaetetubense.

A imagem a seguir representa um registro do MiritiFest, evidenciando a diversidade das peças artesanais expostas e a expressiva participação da comunidade e dos visitantes durante o evento. As imagens do festival apresentadas ao longo do artigo demonstram que o festival ultrapassa sua dimensão comercial, constituindo-se como um espaço de valorização dos saberes tradicionais, de fortalecimento da memória coletiva e de reafirmação da identidade cultural de Abaetetuba.

Figura 8: Pássaros e paneiros



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

A compreensão do brinquedo de miriti a partir de sua trajetória histórica, de seus processos de produção e dos significados culturais construídos pelos sujeitos envolvidos em sua preservação permite reconhecê-lo como um importante elemento do patrimônio cultural amazônico. Entretanto, esse reconhecimento não deve permanecer restrito aos espaços da pesquisa, da memória ou da valorização cultural, mas pode também assumir uma dimensão educativa, contribuindo para aproximar os estudantes das experiências históricas e culturais presentes em seu próprio contexto social. Nesse sentido, ao compreender o brinquedo de miriti como expressão da identidade, da memória e dos saberes tradicionais de Abaetetuba, torna-se possível refletir sobre sua inserção em práticas de educação patrimonial e, consequentemente, sobre as possibilidades de sua utilização como recurso para o ensino e a aprendizagem da História.

[9] Segundo a Prefeitura Municipal de Abaetetuba, Francisco de Azevedo Monteiro é considerado, no imaginário popular, o fundador do município, tendo fundado um pequeno povoado às margens do rio Maratauíra, em 1724.

3. O BRINQUEDO DE MIRITI E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: POSSIBILIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Na perspectiva antropológica, Roque de Barros Laraia compreende a cultura como um processo dinâmico, marcado pela diversidade, pela transmissão de saberes e pelas transformações sociais ao longo do tempo. Para o autor, a cultura é construída coletivamente por meio de experiências, práticas sociais e relações estabelecidas entre os sujeitos e transmitidas entre gerações. Essa transmissão de conhecimentos constitui também um processo de aprendizagem, no qual os indivíduos constroem saberes a partir de suas relações com a comunidade e com o contexto em que estão inseridos. Compreender a cultura, portanto, implica reconhecer que a aprendizagem ocorre em diferentes espaços e experiências sociais, para além do ambiente escolar.

> [...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (Laraia, 2001, p. 30).

O método de aprendizagem reflete diretamente no campo historiográfico. A relação entre cultura e transmissão de saberes também pode ser analisada a partir do conceito de consciência histórica. Segundo Estevão de Rezende Martins, a cultura histórica corresponde ao conjunto de sentidos produzidos historicamente pela humanidade, estando diretamente relacionada às memórias individuais e coletivas que orientam as experiências sociais. Nesse contexto, a consciência histórica[10] possibilita compreender como determinados grupos sociais preservam, reinterpretam e atribuem significado às suas práticas culturais ao longo do tempo.

> Cultura histórica é o "acervo" dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana ao longo do tempo. A consciência histórica precisa da memória – individual e coletiva – como referência dos conteúdos (Martins, 2019, p. 55).

A partir dessa perspectiva, o olhar antropológico permite compreender o brinquedo de

[10] A consciência histórica, segundo Jörn Rüsen, refere-se à capacidade de interpretar o passado para compreender o presente e orientar ações no futuro, contribuindo para a formação crítica dos sujeitos e para o reconhecimento de suas identidades culturais (Rüsen, 2006).

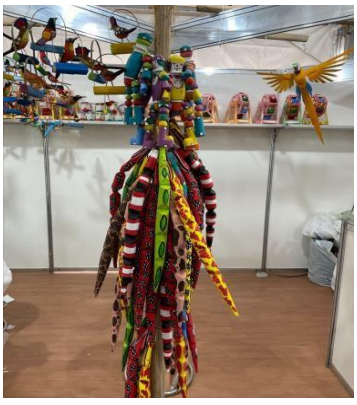
miriti, em Abaetetuba, como uma manifestação cultural que ultrapassa sua dimensão lúdica e econômica, pois reúne saberes, memórias e experiências transmitidos entre gerações. Embora os artesãos comercializem seus produtos, o processo de extração do miriti e sua transformação em arte revelam a relação entre natureza, cultura e tradição, constituindo espaços de aprendizagem baseados na experiência e na participação comunitária. Diante disso, cabe questionar: o que esse objeto pode ensinar sobre a história e a cultura de uma sociedade? Ao carregar elementos da memória coletiva e dos conhecimentos tradicionais da região, o brinquedo de miriti pode contribuir para a construção da consciência histórica, tornando-se também uma possibilidade de experiência educativa, e, nesse caso, a aprendizagem, tendo o brinquedo de miriti como ponto de partida, pode oferecer conhecimentos sobre os povos indígenas e quilombolas da região, assim como, oferecer conhecimento sobre a natureza Amazônica, manejo dos seus recursos, e para além disso, economia Amazônica, já que se trata de uma cultura material valorizada e vendida em grandes eventos culturais, e por isso, conhecida para além das fronteiras da Amazônia.

Figura 9: Artesanato amazônico



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

Figura 10: Variadas representações de cobras e pássaros



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

As imagens acima apresentam diferentes representações do cotidiano e da cultura de Abaetetuba, materializadas nos brinquedos de miriti. Mais do que objetos artesanais, essas produções carregam significados construídos a partir das experiências e relações estabelecidas pelos sujeitos com seu território. Nesse sentido, Clifford Geertz compreende a cultura como uma "rede de significados que estabelece o contexto social" (Geertz, 1989, p. 35), entendendo-a como resultado de sentidos produzidos e compartilhados socialmente. A partir dessa perspectiva, o brinquedo de miriti pode ser compreendido para além de sua forma e função, pois expressa modos de vida, conhecimentos, memórias e experiências que fazem parte da realidade abaetetubense.

Esses significados são construídos e transmitidos no cotidiano, fortalecendo vínculos de pertencimento e contribuindo para a continuidade de práticas culturais. Ao serem incorporados ao espaço escolar, tais conhecimentos também podem assumir uma dimensão educativa, aproximando as experiências dos estudantes dos conteúdos históricos trabalhados em sala de aula. Essa possibilidade dialoga com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [11](Lei nº 9.394/96), que estabelece o respeito à diversidade cultural e às diferentes formas de aprendizagem. Nesse sentido, o brinquedo de miriti pode contribuir para aproximar escola, cultura e ensino de História, possibilitando abordar temas como memória, identidade, trabalho e pertencimento a partir das experiências e dos significados construídos na própria realidade dos estudantes.

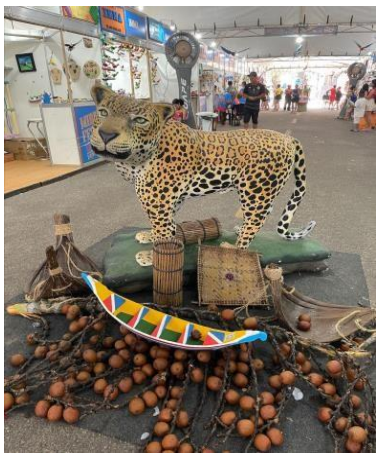
Nesse sentido, a Educação Patrimonial aproxima os estudantes dos bens culturais presentes em seu território, promovendo o conhecimento, o reconhecimento e a valorização do patrimônio. Em Abaetetuba, o brinquedo de miriti constitui um ponto de partida para o ensino de História, tendo sua dimensão lúdica como possibilidade para problematizar questões como memória, identidade, trabalho artesanal e saberes tradicionais. Assim, o brincar ultrapassa o entretenimento e se constitui como experiência de aprendizagem, permitindo relacionar passado e presente e compreender a história a partir das práticas e experiências da própria comunidade. Inserir o brinquedo de miriti no espaço escolar, portanto, favorece uma abordagem contextualizada do ensino de História e aproxima os estudantes das referências culturais de seu território.

As representações da onça-pintada e dos barcos de miriti a seguir evidenciam a

[11] A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), instituída pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação brasileira, regulamentando a organização dos sistemas de ensino e os princípios que orientam a educação nacional.

diversidade de elementos presentes no imaginário e no cotidiano amazônico, por exemplo. Enquanto a onça-pintada remete à fauna regional, os barcos representam a relação das comunidades com os rios e com os modos de vida ribeirinhos. Essas escolhas demonstram que o brinquedo de miriti pode incorporar elementos do território e transformá-los em objetos que expressam aspectos da cultura local. No contexto escolar, essas representações podem ser utilizadas como ponto de partida para discutir as relações entre sociedade, natureza, território e cultura, explorando o patrimônio local de forma lúdica e contextualizada.

Figura 11: Onça pintada, canoa e o fruto miriti, advindo do miritizeiro



SOUSA, Kildere D. D., 2026.

Apesar de sua relevância para a identidade cultural do município, esses saberes ainda ocupam pouco espaço no currículo escolar. Nesse sentido, inserir o brinquedo de miriti no ensino de História possibilita valorizar experiências culturais locais e abordar temas como memória, identidade, trabalho e pertencimento a partir da realidade dos estudantes. Essa problemática dialoga com as reflexões de Chimamanda Ngozi Adichie[12], em *O perigo de uma história única* (2019), ao discutir como determinadas narrativas se tornam predominantes enquanto outras experiências culturais são invisibilizadas. Ao abordar a centralização de histórias voltadas às culturas europeias, Chimamanda evidencia que muitos sujeitos aprendem profundamente sobre sociedades distantes, mas pouco conhecem sobre sua própria realidade cultural e histórica. Essa lógica também pode ser percebida no contexto amazônico, onde manifestações culturais locais, como o artesanato de miriti, frequentemente recebem menor destaque nos espaços educacionais e institucionais.

A desvalorização do brinquedo de miriti está relacionada a diferentes fatores históricos, sociais e culturais. Entre eles, destaca-se a predominância de modelos educacionais

[12] Chimamanda Ngozi Adichie é escritora e palestrante nigeriana conhecida por suas reflexões sobre identidade cultural, colonialismo e representatividade, destacando-se por obras como *O perigo de uma história única* (2019).

eurocêntricos[13], pois essa realidade também se relaciona aos currículos escolares, que frequentemente priorizam conteúdos considerados universais em detrimento das culturas regionais, distanciando os estudantes de suas próprias referências culturais. Somam-se a isso a modernização, a industrialização e a insuficiência de políticas públicas, fatores que contribuem para a desvalorização de práticas artesanais tradicionais e de eventos como o MiritiFest, colocando em risco a preservação dos saberes, da memória e da identidade cultural local.

Diante desse contexto, valorizar a cultura abaetetubense no ambiente escolar implica reconhecer os saberes e as referências culturais do território como parte dos processos de ensino e aprendizagem. Essa perspectiva é reforçada pela Prof.ª Ma. Rodrigues, historiadora entrevistada, ao afirmar que o brinquedo de miriti "resgata nossa cultura e costumes ancestrais", destacando seu potencial para o ensino de História Local. Como recurso pedagógico, o brinquedo pode favorecer discussões sobre memória, identidade, saberes tradicionais e transformações históricas da comunidade, articulando os conhecimentos escolares às experiências culturais dos estudantes. Além disso, a professora destaca a possibilidade de desenvolver atividades práticas relacionadas ao miriti, como oficinas e propostas "mão na massa", permitindo aos estudantes participarem diretamente de experiências ligadas à produção artesanal. Para a entrevistada, essa tradição "faz parte da História Local", sendo importante sua preservação entre as novas gerações.

Porém, precisamos problematizar essa ideia de "História local", pois, mesmo sendo uma manifestação cultural do lugar, ela faz parte da nossa cultura nacional, ou seja, não se trata apenas de uma "manifestação cultural local", mas de uma manifestação da cultura brasileira. Precisamos ter isso em vista, pois essa distinção entre "cultura local" versus "cultura nacional", trata-se de um pressuposto colonial, pressupõe-se que tudo relacionado com as regiões Norte e Nordeste está alheio ao "Brasil", à região Sul e Sudeste, e é exatamente isso que proponho ao apresentar a importância do brinquedo de Miriti a partir da quebra do "perigo de uma História única". A cultura material do brinquedo é pertencente à História Nacional.

Apesar dessas possibilidades pedagógicas, a docente referida anteriormente observa que práticas pedagógicas relacionadas aos saberes e às manifestações culturais do território ainda encontram pouco espaço nas escolas. Essa realidade pode estar relacionada à predominância de um ensino voltado à transmissão de conteúdos e às demandas de avaliações externas, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), reduzindo as oportunidades para o

[13] Eurocentrismo é uma perspectiva histórica e epistemológica que coloca a Europa como centro de referência do conhecimento, da cultura e do progresso, desvalorizando outras experiências e saberes não europeus (Santos, 2010).

desenvolvimento de práticas que articulem a formação histórica dos estudantes às referências culturais e às experiências do lugar onde vivem, por isso a crítica acerca de uma "História local" e a observância do "Perigo de uma História única".

Nesse sentido, levar o debate sobre o brinquedo de miriti para a escola significa também ampliar as possibilidades de discussão sobre a educação patrimonial e sobre os diferentes sujeitos que contribuíram para a constituição histórica e cultural da Amazônia. A produção do miriti não pode ser compreendida de forma isolada, pois está relacionada aos conhecimentos, às práticas e às tradições construídas historicamente por diferentes populações que constituem o território amazônico, entre elas os povos indígenas, as comunidades quilombolas e outros grupos tradicionais. Dessa forma, refletir sobre essas peças e sua produção em sala de aula também representa uma oportunidade para trazer esses sujeitos para o centro do debate histórico, reconhecendo suas contribuições para a formação da sociedade e para a construção das manifestações culturais existentes em Abaetetuba. Ao abordar o miriti como patrimônio cultural, portanto, não se reflete apenas a existência de um objeto artesanal, mas também as memórias, os saberes, os modos de vida e as experiências históricas dos sujeitos que contribuíram para a formação cultural da região.

Essa perspectiva torna-se ainda mais importante diante da permanência de práticas curriculares marcadas por uma visão predominantemente eurocêntrica da História, que, durante muito tempo, privilegiou determinados acontecimentos e sujeitos históricos, enquanto reduziu ou silenciou experiências, saberes e formas de resistência dos povos indígenas, negros, quilombolas e das populações tradicionais. Assim, inserir o brinquedo de miriti no ensino de História pode constituir um movimento de resistência e valorização de outras narrativas históricas, permitindo que os estudantes reconheçam a história do lugar onde vivem como parte fundamental do conhecimento histórico como uma História do Brasil. Vivemos em um país profundamente marcado pelas presenças e contribuições indígenas e africanas, bem como pela continuidade histórica das comunidades quilombolas e de outros povos tradicionais, mas, muitas vezes, desconhecemos a história daqueles que contribuíram diretamente para a formação de nossas culturas e territórios. Por essa razão, trabalhos voltados à valorização do patrimônio cultural e da História Local tornam-se importantes instrumentos para questionar esses silenciamentos e ampliar o conhecimento sobre nossa própria realidade.

Essas possibilidades de atividades práticas aproximam o ensino de História da Educação Patrimonial. Ao abordar a produção, os significados e a presença do brinquedo de miriti na cultura abaetetubense, os estudantes podem compreender o patrimônio como resultado de

práticas e saberes construídos historicamente pela comunidade. Essa abordagem amplia o ensino para além da transmissão de conteúdos e favorece o reconhecimento das referências culturais que constituem a identidade dos educandos. Essa perspectiva dialoga com Paulo Freire (2021, p. 22), ao destacar a importância do respeito à identidade cultural dos educandos na prática educativa, entendida também como parte do processo de reconhecimento de si.

> A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é um problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. (Freire, 2021, p. 22).

As vivências socioculturais permitem aos estudantes interpretarem criticamente os significados presentes nos espaços e nas práticas de sua comunidade. Nesse sentido, fábricas de brinquedos de miriti, barracas em praças públicas e comunidades tradicionais constituem espaços de aprendizagem que aproximam o ensino da realidade dos alunos. A articulação entre esses espaços, a história local e a Educação Patrimonial fortalecem um ensino contextualizado, no qual os estudantes reconhecem a cultura de sua própria comunidade como parte da construção histórica. Segundo Costa (2019, p. 132)

> Fazer/ensinar/estudar história local pressupõe tomá-la como objeto do conhecimento (quando nos concentramos em escalas "menores" e mais próximas a nós nos nossos recortes, como bairro, cidade, o Estado, mas também grupos sociais e cultura material que não necessariamente correspondem aos limites geográficos e políticos dos lugares) ou como o lugar de onde partem os conhecimentos (dos próprios professores e alunos, da comunidade, de associações e organizações locais, das universidades). Assim é que uma primeira discussão que ela permite fazer é sobre a "presença de história" em espaços como objeto ou a partir de sujeitos que, no senso comum, não seria cogitada. (Costa, 2019, p. 132).

A relação entre os rios, as embarcações e as comunidades ribeirinhas integram a formação cultural de Abaetetuba e constitui uma importante referência para o ensino de História, realidade também expressa nos brinquedos de miriti, cuja produção e transmissão entre gerações preservam conhecimentos, práticas e memórias culturais. Nesse contexto, é igualmente importante reconhecer as contribuições dos povos indígenas, das populações negras e das comunidades quilombolas para a formação histórica e cultural da Amazônia, considerando que suas experiências e saberes ajudam a compreender os processos históricos que constituíram a região. Nessa perspectiva, Pierre Nora compreende os "lugares de memória" como espaços de preservação das memórias coletivas e das identidades sociais (Gonçalves, 2012, p. 12). Inserido nesse contexto, o brinquedo de miriti reúne elementos da história e da cultura abaetetubense e, quando incorporado ao ensino de História, pode constituir uma importante

fonte para a construção do conhecimento histórico a partir da realidade dos estudantes. Seu estudo possibilita problematizar diferentes sujeitos, experiências e relações com o território, valorizando referências culturais da comunidade e favorecendo um ensino de História mais contextualizado, crítico e significativo.

Nesse processo, o brinquedo de miriti ganha uma dimensão pedagógica que ultrapassa sua função como objeto cultural. Por meio de pesquisas, entrevistas com artesãos, observação e oficinas, o professor pode transformar a experiência com o brinquedo em uma prática de aprendizagem, articulando os conteúdos históricos às vivências dos estudantes. Seu caráter lúdico amplia essa experiência ao envolver criação, participação e experimentação, permitindo que o conhecimento seja construído pela ação e pela interação com o objeto e com os sujeitos que o produzem. Dessa forma, o lúdico deixa de ser apenas um recurso para tornar a aula mais atrativa e passa a integrar a construção de sentidos no processo educativo. Ao conhecer, produzir e interpretar o brinquedo de miriti, os estudantes podem estabelecer relações entre passado e presente, cultura e território, memória e identidade, atribuindo significado histórico à realidade em que vivem. Assim, retomando a questão sobre o que esse objeto pode ensinar, o brinquedo de miriti permite compreender aspectos da história e da cultura de Abaetetuba a partir dos saberes, das práticas e das experiências de sua própria comunidade. Nesse movimento, o patrimônio cultural deixa de ser apenas objeto de preservação e torna-se experiência educativa, enquanto o brinquedo de miriti se constitui como possibilidade concreta de construção do conhecimento histórico.

4. CONCLUSÃO

Portanto, o presente trabalho buscou ampliar a compreensão acerca dos aspectos culturais que caracterizam o município de Abaetetuba, com ênfase na prática tradicional do artesanato do brinquedo de miriti, manifestação cultural constituída por saberes, práticas e conhecimentos transmitidos entre gerações. A pesquisa de campo, realizada a partir de uma abordagem qualitativa e de caráter etnográfico, possibilitou compreender o brinquedo de miriti para além de sua dimensão material e lúdica, evidenciando sua relação com a memória, a identidade e os modos de vida presentes no território abaetetubense. Nesse contexto, o reconhecimento de Abaetetuba como “capital mundial do brinquedo de miriti” reforça a importância dessa manifestação para a cultura local e o sentimento de pertencimento.

A partir das contribuições teóricas de Roque de Barros Laraia, foi possível compreender a cultura como um processo dinâmico, construído e transformado pelas experiências e relações estabelecidas pelos diferentes grupos sociais. Essa perspectiva permitiu compreender os saberes

relacionados ao brinquedo de miriti como conhecimentos produzidos e transmitidos no interior da comunidade, especialmente por meio da experiência, da convivência e da transmissão entre gerações. Assim, o artesanato em miriti constitui uma prática cultural que preserva conhecimentos e memórias, ao mesmo tempo em que possibilita novas formas de aprendizagem e ressignificação desses saberes.

Nesse sentido, a pesquisa permitiu identificar a dimensão educativa presente nas práticas culturais relacionadas ao miriti. Os conhecimentos envolvidos na produção dos brinquedos não se restringem ao fazer artesanal, mas estão relacionados à memória, à identidade, ao território e às experiências dos sujeitos que participam dessa prática. A partir dessa compreensão, a escola pode assumir um papel importante na aproximação entre os saberes produzidos pela comunidade e os conhecimentos escolares, contribuindo para que os estudantes reconheçam e problematizem as manifestações culturais presentes em seu próprio território.

Diante disso, a Educação Patrimonial apresenta-se como uma possibilidade para estabelecer esse diálogo, ao favorecer processos educativos voltados ao conhecimento, reconhecimento e valorização das referências culturais. No caso do brinquedo de miriti, sua inserção no ensino de História pode possibilitar o desenvolvimento de práticas pedagógicas contextualizadas, utilizando o objeto como ponto de partida para discutir memória, identidade, cultura, trabalho, território e História. Ao mesmo tempo, essa perspectiva convida a problematizar a própria ideia de "História Local", muitas vezes utilizada para classificar as experiências históricas produzidas fora dos centros tradicionalmente privilegiados pelas narrativas nacionais.

É necessário reconhecer que a história de Abaetetuba e da Amazônia também constitui a História do Brasil, pois os acontecimentos, sujeitos e processos vivenciados nesses territórios fazem parte da formação histórica nacional. Assim, superar essa hierarquização das narrativas históricas significa questionar uma lógica ainda marcada por centralizações e silenciamentos, na qual determinadas experiências, especialmente aquelas produzidas no Sudeste e no Sul, são frequentemente apresentadas como nacionais, enquanto outras permanecem classificadas apenas como locais ou regionais. A dimensão lúdica do brinquedo também pode contribuir para esse processo, desde que articulada à reflexão e à construção do conhecimento histórico, permitindo que o brincar, o observar, o pesquisar e o fazer sejam acompanhados de questionamentos sobre a realidade cultural dos estudantes.

Assim, conclui-se que o brinquedo de miriti constitui uma importante possibilidade pedagógica para o ensino de História e para a Educação Patrimonial em Abaetetuba. Mais do

que apresentar aos estudantes uma manifestação cultural de seu município, trabalhar o miriti em sala de aula pode favorecer o reconhecimento dos saberes e das memórias presentes na comunidade, aproximando o conhecimento histórico da realidade vivenciada pelos alunos. Dessa forma, uma educação contextualizada e comprometida com o patrimônio cultural pode contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento, a valorização da memória coletiva e o reconhecimento da cultura local como parte fundamental da construção histórica dos sujeitos e da sociedade abaetetubense.

REFERÊNCIAS

ABAETETUBA. Prefeitura Municipal. História. *Prefeitura Municipal de Abaetetuba*, Abaetetuba, [s. d.]. Disponível em: https://abaetetuba.pa.gov.br/o-municipio/historia/. Acesso em: jul. 2026.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGÊNCIA PARÁ. *Exposição na Estação das Docas retrata o Círio em peças de miriti*. Agência Pará, Belém, 29 set. 2017. Disponível em: https://agenciapara.com.br/noticia/857/exposicao-na-estacao-das-docas-retrata-o-cirio-em-pecas-de-miriti. Acesso em: jul. 2026.

ANINHA. Miriti: palmeira que faz a gente brincar! *Aninha pelo Brasil*, 7 out. 2020. Disponível em: https://www.aninhapelobrasil.com.br/post/miriti-palmeira-que-faz-a-gente-brincar. Acesso em: 14 jul. 2026.

ARAÚJO, Ezequiel Fonseca; PINHEIRO, Isane Caripuna; PINHEIRO, Matheus Furtado; COSTA, Rosilândia Rodrigues da; CRUZ, Fernando Manuel Rocha da. *City and public space: the Miriti festival in Abaetetuba/PA* = Cidade e espaço público: o festival do Miriti em Abaetetuba/PA. *Concilium*, v. 23, n. 14, p. 147–165, 2023. DOI: https://doi.org/10.53660/CLM-1625-23J40.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 de jul., 2026.

CASA E JARDIM**.** *Miriti: conheça a palmeira amazônica e seus usos.* Um Só Planeta, 2025. Disponível em: https://revistacasaejardim.globo.com/um-so-planeta/noticia/2025/10/miriti-buriti.ghtml. Acesso em: jul. 2026.

CARVALHO, Gleiciane do Rosário Farias. *Território, memórias, vidas e histórias da comunidade de São João Batista no rio Tucumandubazinho em Abaetetuba-PA*. Orientador: Afonso Welliton de Sousa Nascimento. 2022. 64 f. Trabalho de Curso (Licenciatura em Educação do Campo – Habilitação em Ciências Naturais) – Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Abaetetuba, 2022. Disponível em: https://bdm.ufpa.br/items/790993a8-b07c-43dd-b8e6-ac0d89cd4823. Acesso em: jul. 2026.

COSTA, Aryana. *História local*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). *Dicionário de ensino de história. Rio de Janeiro*: FGV Editora, 2019. p. 132-136.

DIEGUES, Antonio Carlos (org.). *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB-USP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GONÇALVES, Janice. *Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural*. *Historiæ,* Rio Grande, v. 3, n. 3, p. 27–46, 2012. Disponível em: https://periodicos.furg.br/hist/article/view/3260. Acesso em: jul. 2026.

HENRIQUE, Márcio Couto; LINHARES, Anna Maria Alves. *Cerâmica marajoara e Círio de Nazaré: significação e sacralização do patrimônio cultural brasileiro. Topoi (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 41, p. 394–420, 2019.

HIRAOKA, Mario. Miriti (*Mauritia flexuosa*) *palms and their uses and management among the ribeirinhos of the Amazon estuary*. Advances in Economic Botany, v. 13, p. 169–186, 1999.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília, DF: IPHAN, 1999.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LINHARES, Anna Maria Alves. *De caco a espetáculo: a produção cerâmica de Cachoeira do Arari (ilha do Marajó, PA)*. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/5265/1/Dissertacao_CacoEspetaculoProducao.pdf. Acesso em: jul. 2026.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo. *Brinquedo: história, cultura, indústria e educação. Atos de Pesquisa em Educação*, v. 4, n. 3, p. 507-525, 2009.

LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Tradução, apresentação e notas de Pedro Paulo Garrido Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. *Consciência histórica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). *Dicionário de ensino de história*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 55-58.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. *A cultura material no estudo das sociedades antigas.* Revista de História, São Paulo, n. 115, p. 103–117, 1983.

MESTRE RIVA. Entrevista concedida a Kildere Diogo Dias de Sousa em 23 de maio de 2026 Abaetetuba, PA. Entrevista semiestruturada.

MIRITIFEST. *MiritiFest: Festival do Miriti de Abaetetuba*. Disponível em: https://miritifest.com.br/. Acesso em: 14 jul. 2026.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Heraldo. *O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica*. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 24, p. 57–68, 2008.

PARÁ. Lei nº 7.433, de 30 de junho de 2010. *Declara o Brinquedo de Miriti Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Estado do Pará e dá outras providências*. Diário Oficial do Estado do Pará, Belém, PA, 6 jul. 2010.

PARÁ. Secretaria de Estado de Educação. *Documento curricular para a educação infantil e ensino fundamental do Estado do Pará*. Belém: SEDUC, 2019.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. *Uma história cultural dos brinquedos: apontamentos sobre infância, cultura e educação.* Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 1–20, 2009.

PIRAUX, Marc; SOARES, Daniel Sombra; SIMÕES, Aquiles. *A diversidade socioespacial do Território Baixo Tocantins e impactos na agricultura familiar*. In: SIMÕES, Aquiles; BENASSULY, Matheus (org.). *Na várzea e na terra firme: transformações socioambientais e reinvenções camponesas*. Belém: NUMA/UFPA, 2017. p. 77-114.

REDE, Marcelo. *História e cultura material*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 133–150.

RODRIGUES, Dayane. Entrevista concedida a Kildere Diogo Dias de Sousa em 30 de maio 2026. Abaetetuba, PA, 2026. Entrevista semiestruturada.

RÜSEN, Jörn. *Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. Práxis Educativa,* Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 7–16, jul./dez. 2006.

SALES, Josias de Souza. *A vida social do açaí: da gourmetização às mudanças socioculturais e ambientais na região do Baixo Tocantins - Pará*. 2019. 260 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Uma epistemologia do Sul: a reinvenção do conhecimento e a emancipação social.* São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Ronize da Silva; COELHO-FERREIRA, Márlia. *Miriti artifacts (Mauritia flexuosa L. f.) in Abaetetuba,* Pará State, Brazil: from production to marketing. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, Belém, v. 6, n. 3, p. 559–571, 2011.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. *Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 187–201, maio/ago. 2009.

SILVA, Claudete do Socorro Quaresma; CARVALHO, Nazaré Cristina. *A cultura e a educação amazônica na arte dos brinquedos de miriti.* EccoS – Revista Científica, São Paulo, n. 27, p. 17–32, jul./dez. 2012.

SIOLI, Harald. *Amazônia: fundamentos da ecologia da maior região de florestas tropicais.* Tradução de Johann Becker. Petrópolis: Vozes, 1985.

UNESCO**.** *Círio de Nazaré (The Taper of Our Lady of Nazareth) in the city of Belém, Pará*. Intangible Cultural Heritage. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: https://ich.unesco.org/en/RL/cirio-de-nazare-the-taper-of-our-lady-of-nazare-in-the-city-of-belem-para-00602 . Acesso em: jul. 2026.

VIANNA, Letícia Costa Rodrigues. *Patrimônio imaterial*. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. Disponível em: https://www.gov.br/iphan/pt-br/unidades-especiais/centro-lucio-costa/dicionario-do-patrimonio/verbetes/p/patrimonio-imaterial. Acesso em: jul. 2026.